

HIPERTEXTO / NOVA ORDEM

Quem diria que os EUA quase deram calote, que a Europa teria tantos pobres e que o Brasil e a China surgiriam como os salvadores da crise

NOVOS RICOS DEU A LOUCA NA ECONOMIA

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

Estados Unidos à beira do calote, europeus perdidos em meio a tantas dívidas, Japão em plena recessão e líderes de países como Brasil, Rússia, Índia e China (batizados de Brics) colocando-se à disposição para encontrarem uma solução para o problema. Se você se deparasse com um início de matéria (lead no jargão jornalístico) desses há uns dez anos, chamaria o jornalista responsável pelo texto de louco. Pois é, mas o mundo dá voltas e é exatamente isso o que acontece neste exato instante. Para muitos economistas trata-se de uma mudança de paradigma, é o desembocar de um movimento iniciado ainda na década 80, com a organização econômica e política – uma das duas ou as duas ao mesmo tempo – dos países que hoje estamos prestes a chamarmos de potências globais.

O desembocar, não por acaso, se dá no instante em que Europa, EUA e Japão se encontram num momento tão crítico. O diário espanhol El País, em reportagem recente, afirma que mais que a mudança no equilíbrio de poder global em favor dos emergentes há também uma dimensão política. “O mundo mudou o centro de gravidade do norte e ocidente para o sul e oriente. A globalização dispersou o poder, tão concentrado até agora, na fortaleza americana, por todo o sistema internacional”, diz o artigo.

O COMEÇO

Na avaliação do professor do Departamento de Economia da Ufes Arlindo Vilaschi, as mudanças hoje em curso começaram, de maneira bem lenta, no início dos anos 70. “Essa transformação do mundo começou lá na década de 70 e se acentuou de 80 para frente, com o aprimoramento dos microeletrônicos e com a globalização de fato. A tecnologia permitiu uma melhor distribuição da riqueza pelo mundo. O que antes ficava apenas em EUA, Europa e Japão se espalhou para outros lugares”, analisa.

Ele enumera fatos importantes que

MUDANÇAS NO TABULEIRO MUNDIAL

Veja como a economia se modificou e hoje países desenvolvidos estão em crise, enquanto os emergentes estão segurando o crescimento mundial.

PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO DO FMI



POR QUE A EUROPA ESTÁ EM CRISE?

- A formação de uma crise financeira na zona do euro deu-se, fundamentalmente, por problemas fiscais. Alguns países, como a Grécia, gastaram mais dinheiro do que arrecadaram em impostos nos últimos anos. Para se financiarem, passaram a acumular dívidas. Assim, a relação do endividamento sobre PIB ultrapassou o limite de 60% estabelecido no Tratado de Maastricht, que criou a zona do euro.

- No caso da economia grega, a razão dívida/PIB é mais que o dobro deste limite. A desconfiança de que os países da região teriam dificuldade para pagar as dívidas fez com que os investidores passassem a temer ter ações e títulos públicos e privados europeus.

E OS EUA?

- Endividados por conta das guerras contra o terror e da crise de 2008 (do subprime), quando o governo estatizou várias bancas para evitar quebra, os EUA não gozam da confiança de outros tempos. Todos apostavam em recuperação, mas isso não ocorreu e o “remédio” do salvamento teve efeito colateral: o endividamento dos governos.

- Para piorar, em julho e agosto, Casa Branca e Congresso travaram uma verdadeira batalha sobre o teto da dívida norte-americana e havia risco de calote, fechando acordo na última hora. A batalha rendeu um rebaixamento da classificação de crédito dos Estados Unidos pela Standard & Poor's.

QUAL A IMPORTÂNCIA DOS BRICS?

O grupo inclui quatro países: Brasil, Índia, Rússia e China. Alguns economistas incluem a África do Sul. Entre 2000 e 2010, o grupo mais do que dobrou sua participação no comércio mundial, de 7,2% para 15% do total.

Nesse mesmo período de comparação, as exportações do grupo saltaram de **US\$ 451 bilhões** para **US\$ 1,8 trilhão**.

Segundo projeções do banco de investimentos Goldman Sachs, criador do termo, esses quatro países em desenvolvimento vão se transformar em gigantes econômicos, com crescimento do PIB e da renda per capita. Até 2050, devem superar os países do G6 (G7 menos o Canadá, ou seja: Estados Unidos, Japão, Reino Unido, Alemanha, França e Itália).

ajudaram a disparar o gatilho dessa nova ordem. “Em 2001, a China entrou na OMC (Organização Mundial do Comércio). De lá para cá, eles se tornaram a indústria do mundo, cresceram, e ainda crescem, muito. A Índia, com toda facilidade da tecnologia, transformou-se numa grande prestadora de serviços para europeus e norte-americanos. O Brasil virou o principal fornecedor de matérias-primas (aço, minério) e alimentos para uma China em pleno crescimento. Toda essa conjuntura favorável fez com

que essas nações ficassem mais fortes”.

Hoje, por conta da balança de pagamentos quase sempre superavitária na última década, os emergentes ostentam grandes reservas internacionais – US\$ 3,2 trilhões no caso da China, US\$ 352 bilhões no caso do Brasil e US\$ 320 bilhões no caso da Índia. Essas poupanças, além de darem confiança ao mercado, despertam interesse dos que lutam para financiar suas dívidas.

INVESTIMENTO ESTRANGEIRO

Alcides Leite, economista da Trevisan

Escola de Negócios, lembra que, além de fornecedores, os emergentes passaram a receber grande volume de investimento estrangeiro da década de 90 para cá, o que impulsionou ainda mais a expansão dessas economias.

“Num mundo globalizado, é natural a ida de recursos para locais que oferecem mais oportunidades de crescimento. É mais fácil crescer onde falta (emergentes) do que crescer num mercado saturado (desenvolvidos). Veja a quantidade de bancos europeus que vieram para o

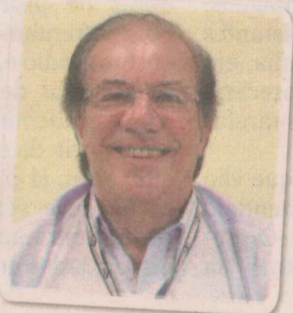


Muito bons amigos
A presidente Dilma e o presidente da China, Hu Jintao, brindam ao bom momento de seus países. FOTO: ABR

ANÁLISE

Emergentes puxam crescimento

As projeções do FMI para o crescimento deste ano e do próximo são preocupantes. Para 2011, estima-se um crescimento de 4%, o que deverá se repetir em 2012. Para as economias avançadas, os indicadores são ainda menores – 1,6% e 1,9%, respectivamente para os anos de 2011 e 2012. Por outro lado, para as economias emergentes e em desenvolvimento, os índices são de 6,4% e 6,1%, o que permite concluir que o crescimento da economia mundial está sendo puxado pelos emergentes, sobretudo China e Índia, com crescimentos de 9,5% e 7,8% respectivamente. As previsões para o Brasil não são das melhores. Estima-se um crescimento de 3,8% para 2011 e 3,6% para 2012. A situação é mais preocupante na Europa, em especial Grécia, Portugal, Espanha e Itália, podendo, inclusive, se estender aos outros países. Importante o fato de que esses números, tanto para os países centrais quanto para os emergentes serem inferiores aos apresentados anteriormente, o que evidencia forte desaceleração da economia global. As causas dessa nova crise ainda são extensão da de



2008, uma vez que para minimizar seus impactos EUA e Europa implementaram políticas econômicas expansionistas (fiscal e monetária). Outra questão a ser observada diz respeito aos preços das commodities, que apresentam queda, mesma tendência para o fluxo comercial tanto dos países centrais quanto dos emergentes. Diante de todo esse cenário, a economia brasileira vem dando mostras de que está relativamente bem, com reservas cambiais de US\$ 352,4 bilhões. Todavia, algumas medidas precisam ser priorizadas, como um maior controle dos gastos públicos e da inflação, de modo a poder continuar com a redução da taxa de juros e, consequentemente, deixando o país crescer a pelo menos 5% ao ano.

MÁRIO VASCONCELOS
PROFESSOR DE ECONOMIA DA UVV



RON EDMONDS/AE

A crise de Obama

O presidente americano herdou uma dívida imensa, esteve no centro da crise de 2008 e precisou salvar seus bancos. O resultado: quase decretou moratória este ano e viu a nota dos EUA ser rebaixada no mercado.



LAURENT CIPRIANI/AE

A crise do euro

Os países europeus, acostumados a uma realidade econômica que não existe mais, gastavam mais do que deviam. A única a fazer o dever de casa, a Alemanha, é hoje quem está salvando a pátria da zona do euro.

Brasil nos últimos anos, o boom imobiliário que estamos vivendo, o desenvolvimento da telefonia. Em quase todas essas ações, o capital estrangeiro está presente”.

Ao mesmo tempo em que os emergentes se fortaleciam, Europa e Estados Unidos endividavam-se em várias guerras contra o terror e em estratégias de crescimento pouco ortodoxas. Veja, por exemplo, o caso da crise do subprime – quando empresas financeiras passaram a atender o segmento de renda muito baixa, por vezes com histórico de inadimplência – que derrubou a economia norte-americana em 2008.

PROTAGONISMO

Da força das economias de China, Índia e Rússia, ninguém mais duvida, mas para virarem protagonistas de fato ainda faltam alguns degraus. Apesar da severa crise, a disposição de europeus e americanos em debater com os Brics é nula. Os EUA e os países da zona do euro não levaram a crise para ser discutida no G-20, grupo das maiores economias desenvolvidas e emergentes. Em teoria, esse foro deveria funcionar como um centro de troca de ideias sobre a condução da economia, num esquema no qual um país pode analisar o desempenho de seus sócios e sugerir soluções, o que não vem acontecendo.

Além disso, na avaliação de Leite e Villaschi, os emergentes precisam participar com mais intensidade dos assuntos de interesse global. “O Brasil, por exemplo, deveria ser mais propositivo nas questões ambientais. Temos de ser ponta em biotecnologia, em energia renovável. É isso que está na pauta do dia, temos de nos posicionar. Só assim seremos protagonistas”, opina o professor da Trevisan.

“É preciso estabelecer uma nova ordem. Para isso, os emergentes precisam se posicionar firmemente também nas questões políticas, caso da migração, por exemplo. O novo sempre será difícil de ser implantado e aceito, mas esse parece ser um caminho sem volta”, assinala o professor Arlindo Villaschi.